

Espreitando a história

Tudo mudou muito no último meio século, mas os cavalos ainda trotam nas ruas do Setor Tradicional da cidade centenária onde Sônia Guimarães nasceu, cresceu, se casou e ainda vive e trabalha

» FLÁVIA MAIA

O passo seguro mostra que Sônia Guimarães Costa sabe onde pisa. As ruas e calçadas de Planaltina são um cenário conhecido, onde ela viveu seus 68 anos. Nasceu, foi batizada, brincou, estudou, namorou, se casou, batizou os filhos, tudo na Praça Coronel Salviano Monteiro Guimarães, no Setor Tradicional. A trilha sonora que acompanha Sônia enquanto caminha por essa paisagem de lembranças é o clássico sertanejo *Capecinha* ("Encosta sua capecinha no meu ombro e chora"), que toca no único alto-falante da cidade pertencente ao bar do pai.

As lembranças surgem enquanto a planaltinense observa a praça pela janela colonial da Casa do Idoso, onde trabalha como voluntária há 28 anos. O café cuidadosamente transferido da xícara para o pires e bebido nele acompanha a prosa cheia recordações. "Nasci naquela casa da escada preta pelas mãos de uma parteira", diz, apontando para o lado esquerdo da janela. "Antes da construção da praça, ali tinha uma pista por onde passavam os carros e os cavalos". O hoje Hotel da Praça era o antigo Grupo Escolar de Planaltina, onde Sônia estudou quando criança. Em frente à Casa do Idoso, há uma casinha colonial de paredes brancas e janelas e portas azul-escuro. Ali foi o bar do pai de Sônia. "Até Getúlio [Vargas] e Jango [João Goulart] visitaram o bar, o único da cidade".

O pai nunca enriqueceu. Saiu do interior de Goiás para Planaltina a convite do primo Salviano — que dá nome à praça — crente em uma vida mais abastada. Diñeiro não juntou. Sônia foi a

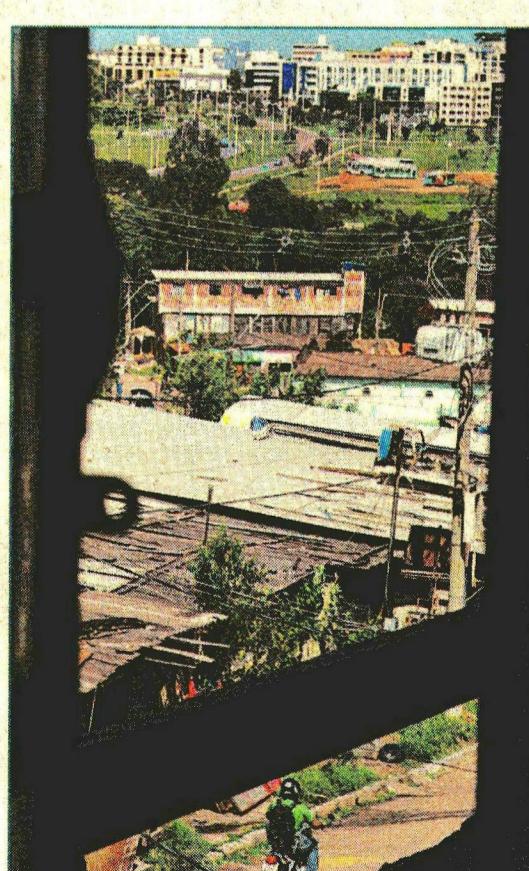
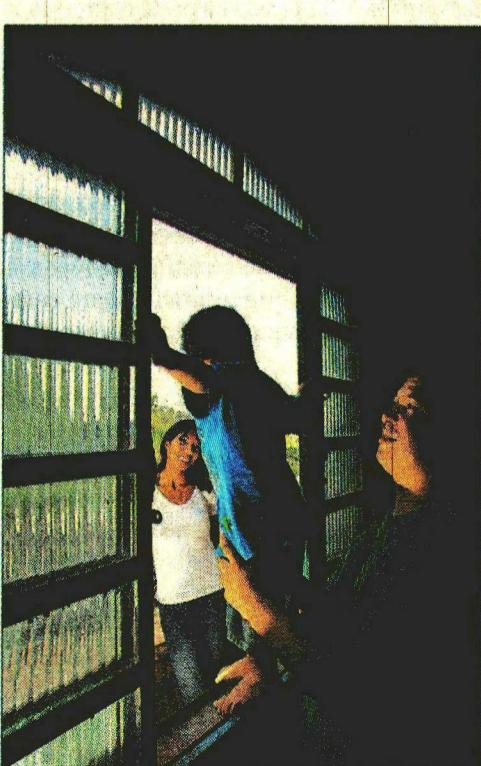


"Diziam que eu era a moça mais bonita de Planaltina, Não sei se era, mas que diziam, diziam"

e decisiva investida. "Quem virá verá", respondeu Sônia. Das insinuações surgiu o namoro escondido atrás da igreja, seguido pela permissão dos pais e o casamento.

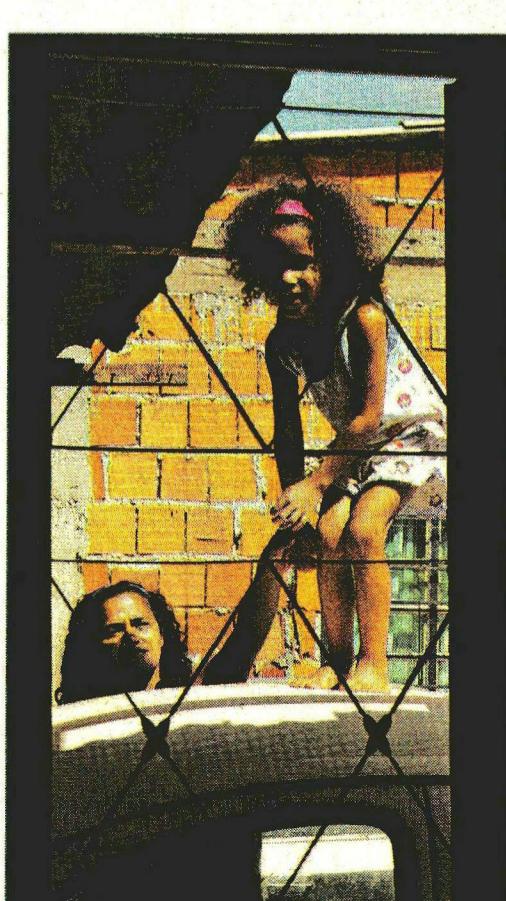
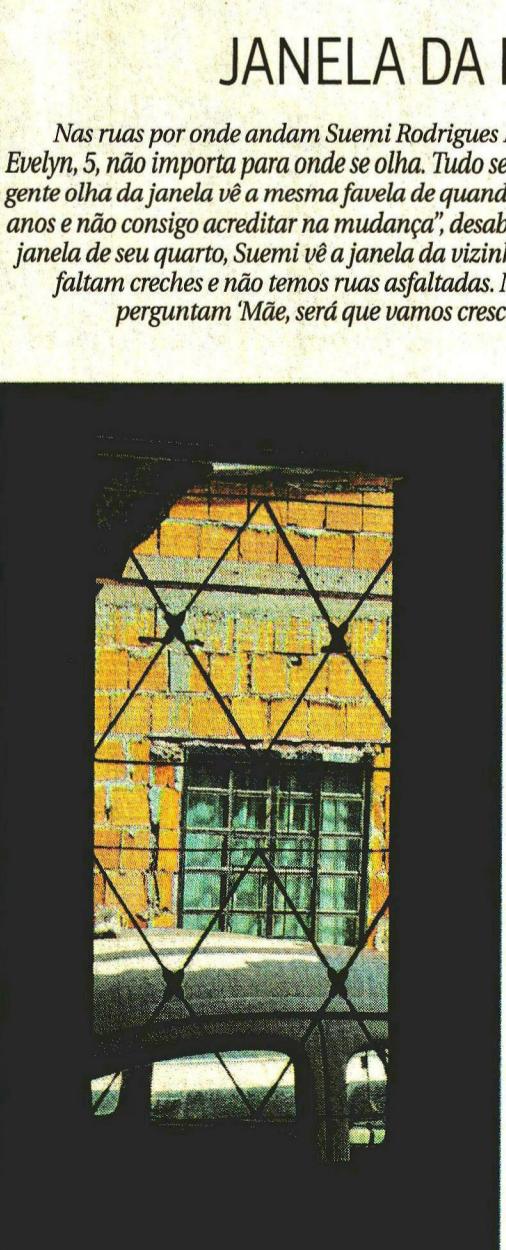
Quando Brasília chegou, Planaltina mudou. Muita gente foi embora, uns voltaram, outros enriqueceram com a construção da nova capital. Embora a violência assuste, o clima interiorano ainda aconchega os moradores do Setor Tradicional e de outros bairros

antigos. A Praça Salviano continua sendo a passagem dos cavaleiros da folia de Reis e o lugar de brincadeira de crianças. Muitas das casas coloniais que circundam a praça estão conservadas. Elas mantêm a tradição de o morador se pendurar na janela para cumprimentar quem passa. Planaltina não tem mais só quatro ruas, mas muito do jeitinho da gente do interior permanece intacto como a janela colonial por onde Sônia observa a própria história.



JANELA DO VARJÃO

Do terceiro andar da casa de Leonardo Rocha da Silva, 28 anos, é possível avistar uma das regiões mais nobres de Brasília: as residências e o Centro de Atividades do Lago Norte. Localizada em uma das áreas mais altas do Varjão, da sua janela também se tem uma visão privilegiada da cidade de aproximadamente 10 mil habitantes. "Lá não é melhor do que aqui", diz Leonardo, apontando para a vizinhança rica. Lá não tem gente na rua, na calçada, convivência com os vizinhos. "é um encontro de elevador onde ninguém conhece ninguém." A cidade tem se desenvolvido muito rapidamente graças à vizinhança nobre. "Por ser perto do Lago Norte, essa região se valoriza de forma mais rápida. Também temos mais mobilidade. Muita gente daqui trabalha no Lago, no Plano Piloto e tem uma renda boa. Crescemos e vamos continuar crescendo com Brasília", afirma.



JANELA DA ESTRUTURAL

Nas ruas por onde andam Suemi Rodrigues Barros dos Santos, 31 anos, e suas filhas, Emily, 9, e Evelyn, 5, não importa para onde se olha. Tudo se mostra quase desprovido de esperanças. "Quando a gente olha da janela vê a mesma favela de quando chegamos aqui. Para mim, Brasília pode fazer 100 anos e não consigo acreditar na mudança", desabafa a dona de casa, que veio do Pará há 24 anos. Da janela de seu quarto, Suemi vê a janela da vizinha. "Aqui é cheio de ratos enormes, o esgoto estoura, faltam creches e não temos ruas asfaltadas. Minhas duas filhas nasceram aqui e sempre me perguntam 'Mãe, será que vamos crescer vivendo ainda num lugar como esse?'"